

PPG EM ESTUDOS DE LITERATURA / UFF
PROCESSO SELETIVO 2024
PROVA PARA DOUTORADO EM LITERATURA COMPARADA

QUESTÃO:

Identifique três conceitos através dos quais Marcos Natali, no fragmento do texto a seguir, nos convida a pensar os modos de relação entre literatura e vida.

Comente ao menos um desses conceitos a partir de seu repertório de leituras.

“Se é comum a muitas definições de literatura a referência à estranheza dessa prática discursiva escorregadia e incerta, difícil de situar epistemologicamente, e se tantos comentaristas identificam na literatura a tendência a escapar das amarras que buscam fixá-la, faria sentido dizer, voltando à fórmula de Blanchot do início, que literatura só existe enquanto for uma questão¹. Assim, se morrer for não estar presente, ou não estar mais aqui, a possibilidade proporcionada pela literatura seria algo da ordem dessa existência espectral. Nunca plenamente presente, mas tampouco ausente, a literatura moderna não teria feito outra coisa senão agonizar, contemplando a possibilidade de sua extinção.

Além do Romantismo, com esse vocabulário parecemos nos aproximar de Adorno, ao menos se entendermos a autonomia da arte teorizada pelo filósofo como um modo peculiar de negação da presença. Se a literatura critica a sociedade simplesmente ao existir, é graças à forma particular dessa existência. Recusando a exigência de uma interferência direta da literatura na sociedade, Adorno lembra que já houve, em outros tempos, formas de presença mais imediata da arte². De maneira que lembra as “manifestações literárias” de Cândido, Adorno vai nomeá-las “práticas” ou “representações culturais”, fenômenos com “efeitos reais”³. Se, no entanto, “a história da arte enquanto história do progresso de sua autonomia não conseguiu extirpar este momento”⁴ – o momento da expectativa da produção de efeitos reais-, esse “pecado original” não deve ser censurado, dado que a arte renegou retrospectivamente do solo de onde brotou⁵. [...]

O aspecto paradoxal da construção – “a arte só se mantém em vida através de sua força de resistência”⁶ – é ressaltado se pensarmos que, nessa concepção, a arte só sobrevive enquanto resistir à vida, o que significa também que a arte para sobreviver precisa de uma “vida” que represente uma ameaça para ela: “Perante aquilo em que se torna a realidade, a essência afirmativa da arte, esta essência inelutável, tornou-se insuportável”⁷. Se a literatura for pensada nesses termos, ganhariam contornos paradoxais qualquer trabalho em prol de sua presença

¹ Blanchot, 1997, p.291

² Adorno, 1970, pp.253-254

³ Idem, pp.17, 13.

⁴ Idem, p. 17

⁵ Idem, p.13-14.

⁶ Idem, p. 254.

⁷ Idem, p. 12

mais efetiva e qualquer reivindicação de uma literatura mais vivaz⁸. Em que sentido seria preferível a literatura abandonar o seu lugar agônico?

A relevância continuada dessas perguntas parece resultar do fato de que elas tocam no problema fundamental da relação entre a literatura e as instituições que habitamos. A crença na possibilidade de uma solução institucional – universitária, escolar, estatal, mercadológica ...- para a literatura leva, no limite, à subsunção da literatura à institucionalidade e à redução da literatura a aquilo que nela é apropriável por certa fábula democrática. Nesse sentido, a dificuldade especial com a qual se deparam discursos ecologistas em defesa da literatura, essa criatura sempre em risco, é que o literário não parece se relacionar com a crise como algo externo a si, de que ela seria vítima⁹. Lamenta-se o lugar precário reservado à literatura, sugerindo que esse espaço foi determinado por seus inimigos, e em nenhum sentido por ela mesma. “Grosseiramente, é assim que fala a história”, escreve Blanchot,

Mas se nos voltarmos para a literatura ou para as artes, o que estas parecem dizer é bem diferente. Tudo se passa como se a criação artística, à medida que os tempos, em obediência a movimentos que lhe são estranhos, se fecha à sua importância, se reaproximasse de si própria graças a uma visão mais exigente e profunda.¹⁰

Natali, Marcos. *A literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária*. Campinas: Ed. Unicamp, 2020. p. 167-169

⁸ Para um argumento que sustenta que a literatura latino-americana durante o boom esteve excessivamente presente, tornando-se até indissociável do Estado, ver Levinson, 2001.

⁹ Para uma discussão da noção de “crise”, ver Siscar, 2010.

¹⁰ Blanchot, 1984, p. 206.